

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

21 de Fevereiro de 2022

STAGE STRUCK / 1925
(Este Mundo é um Teatro)

Um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / Argumento: Forrest Halsey, baseado numa história de Frank Adams adaptada por Sylvia LaVarre / Direcção de Fotografia: George Webber / Direcção Artística: Van Nest Polglase / Guarda-Roupa: René Hubert / Montagem: William LeBaron / Interpretação: Gloria Swanson (Jenny Hagen), Lawrence Gray (Orme Wilson), Gertrude Astor (Lillian Lyons), Oliver Sandys (Hilda Wagner), Ford Sterling (Buck), Carrie Scott (Mrs. Wagner), Emil Hoch (Mr Wagner), Margery Whittington, etc.

Produção: Paramount / Produtor: Allan Dwan / Cópia: 35mm, preto e branco (e cor nas sequências de abertura e de fecho), muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 70 minutos, 20 imagens por segundo / Estreia em Portugal: Tivoli, a 9 de Julho de 1928.

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo.

Stage Struck foi o último dos sete filmes que reuniram Allan Dwan e Gloria Swanson entre 1923 e 1925, uma série de que neste ciclo mostrámos, para além do título desta sessão, **Zaza** e **Manhandled**. Os dois adoravam-se, como é sabido a partir do que disseram um do outro muitos anos mais tarde – Dwan nas conversas com Bogdanovich, Swanson na sua autobiografia – e em *Allan Dwan and the Rise and Decline of the Hollywood Studios* Frederic Lombardi atira discretamente algumas achas para a fogueira do rumor (antigo) que sugere que alguma coisa de cariz romântico teria sucedido entre eles. Rumor que merece ser evocado apenas para reforçar que este período de dois anos de colaboração assídua foi uma época extraordinariamente feliz para ambos, uma felicidade que os filmes exibem. A “separação” a seguir a **Stage Struck** nem foi definitiva. Correspondeu à vontade de Swanson, no píncaro da sua “superstardom”, correr atrás da sereia da United Artists, que lhe oferecia um contrato fabuloso e a possibilidade de ser produtora dela própria, o que significava uma liberdade total ou quase total. Mas, para usar as palavras meigas que Dwan usou na conversa com Bogdanovich, “as coisas não lhe correram lá muito bem”, a começar pelo fiasco financeiro da sua aventura com Stroheim em **Queen Kelly**, e já em 1930, entalada com outro filme auto-produzido que também não estava a “correr lá muito bem”, **What a Widow!**, foi a Dwan que pediu ajuda já começada a rodagem, e nesse filme é o nome de Dwan que figura como realizador, embora ele tenha apanhado o comboio em andamento. Mas ficou, esse sim, como a derradeira colaboração Dwan/Swanson.

A despedida, ainda que provisória, foi em grande. **Stage Struck** tinha uma novidade de monta para aquela época em que ainda faltavam dois longínquos anos para a chegada do som: uma das primeiras experiências, pelo menos na produção corrente de Hollywood, com a cor, através de um processo rudimentar de Technicolor, o “two-strip Technicolor”, empregue nas sequências de abertura e de fecho. Diz-se, até, que o projecto inicial contemplava a rodagem integral nesse Technicolor arcaico – que sendo arcaico era extraordinariamente dispendioso, pondo a Paramount

perante um dilema: ou pagava as cores, ou pagava o salário, já astronómico, de Gloria Swanson. Escolheu-se não cortar no salário de Gloria, e em vez disso cortar nas cores, reduzidas ao prólogo e ao epílogo, maravilhosamente restituídas na esplendorosa cópia que vamos exhibir. É bastante curioso, dado o carácter pioneiro da empresa, que as cores em **Stage Struck** não apareçam como um suporte do “realismo”, mas exactamente do seu contrário: as cores “entram” pelo lado da fantasia e do sonho, que é o que toda a sequência inicial (um prodígio de “exotismo” teatral, com Swanson a passar pela lendária Salomé em cenários que revelam o gosto de Dwan pelos décors de um artificialismo em grande escala) revela ser, apenas o sonho de grandeza de uma empregadita de um restaurante frequentado por operários. Dwan e Swanson prolongam, portanto, e com toda a ironia subjacente, o que já tinham feito em **Manhandled**, fazer Swanson, epítome do glamour hollywoodiano, passar por uma rapariga comum vinda de berço popular. As peripécias de Swanson “entre o povo” que nesse filme eram por exemplo as cenas no metropolitano têm aqui o equivalente nas aventuras dela com as bandejas e as mesas do restaurante apinhado – mais uma vez mostrando cabalmente que Swanson era de facto, uma “total film star”, incluindo um pouco de Chaplin (e é justamente assim que ela justifica os seus desastres, “just trying to be funny”), com climax, no final, num combate de boxe que não desmereceria o autor de **The Champion** ou do então ainda por vir **City Lights**. Mas tudo é levado a um pequeno paroximo, bastante “meta”, pelas incidências narrativas, que põe Swanson na pele de uma aspirante a “grande actriz”, em parte por desejo próprio, em parte por despeito (o namorado é fascinado por “movie stars”, e depois encanta-se por uma actriz que Gertrude Astor faz parecer tão irritantemente obnoxia quanto possível). Isto dá um grande momento de criatividade cenográfica: a cena em que ela descobre o quarto do namorado, de paredes forradas, quase uma “instalação”, com pequenas imagens de actrizes famosas, aonde realisticamente não poderia faltar uma Gloria Swanson; e um grande momento de comédia auto-referencial, quando Swanson começa a aprender a ser actriz ao modo “do it yourself”, seguindo as instruções (ou o argumento) que encontra num livro. Uma grande actriz a fingir que é uma má actriz? O resultado vê-se aí: tem-se a pior actriz do mundo, mas também a actriz mais engraçada do mundo.

Luís Miguel Oliveira